

Nostalgia no futebol

ANDRÉ MICHELAS E FERNANDA ROUVENAT

FERNANDA ROUVENAT

No esporte, fenômeno que mexe diretamente com a emoção do ser humano, a nostalgia também tem grande influência e, no Brasil, o futebol parece ser o cenário perfeito para perceber a força deste sentimento.

Para o nostálgico, o antes é melhor que o hoje e, no futebol, acaba criando máximas como: “O futebol de antes era mais técnico”; “Os craques de agora não teriam lugar nos grandes times do passado” ou “As Copas antigas eram mais bem jogadas”.

A geração que viu Maradona jogar não admite a possibilidade de Messi superá-lo, que Ronaldinho Gaúcho possa ter sido tão bom driblador quanto Garrincha, que um zagueiro tenha a mesma categoria de Franz Beckenbauer ou que existam goleiros do nível de Yashin (ex-goleiro da URSS).

No futebol vemos a continuação de ídolos e heróis que permanecem como referências. Cada época é marcada por um deles. Quando saem de cena são lembrados pelos mais nostálgicos. E, por mais que possam ser superados em campo, conquistaram um lugar especial no imaginário popular que dificilmente será perdido e, no fim das contas, tornam-se uma preferência pessoal do torcedor de futebol.

Comparações entre jogadores



Gabriel Camargo usa a camisa do Flamengo de 1995

de épocas diferentes serão sempre repletas de subjetividade, assim como as conclusões. Defensores do futebol de antigamente argumentam que na época o jogo era mais difícil, que times

e jogadores eram melhores, que o material esportivo e o estado do campo ajudavam menos os atletas e a ausência dos cartões permitia aos defensores abusar da violência. Do outro lado, ar-

gumenta-se que o futebol atual exige mais preparação física por ser mais corrido e que, portanto, destacar-se tecnicamente é mais difícil. Além disso, é comum o argumento de que, no futebol moderno, os gols são mais raros, o que amplifica seu mérito.

Se deixarmos a nostalgia de lado, fazendo uma análise racional, fica difícil acreditar que a seleção de Portugal de 1966 deixaria de fora um craque do calibre de Cristiano Ronaldo. Poucos atacantes do passado foram tão eficientes quanto o atual camisa 7 do Real Madrid. Um ataque formado por Eusébio – craque português entre os anos 60 e 70 –, e Cristiano Ronaldo seria um tormento ainda maior para os adversários.

Será que a Argentina de 1986 deixaria Messi de fora para ter Valdano e Burruchaga como parceiros de Maradona? Seria um pouco menos complicado para o genial Maradona ganhar a segunda Copa para Argentina trocando um dos dois pelo quatro vezes melhor do mundo, Lionel Messi.

No Brasil, vamos ao celebrado time de 1970. Ronaldo e Romário, dois atacantes históricos, não teriam chance naquele time? O próprio Tostão, camisa 9 da seleção tricampeã no México, já disse que Romário jogaria no seu lugar. Quem duvida do ex-craque do Cruzeiro?

Muitas vezes, eventos do passado são exaltados não por sua qualidade, mas porque foram vividos intensamente. No futebol, é comum a aclamação por jogadores do passado que muitas vezes são superados pelos novos astros do futebol.



FERNANDA ROUENAT

Figurinhas da Copa do Mundo de 2014

Saudade de um tempo não vivido

Gabriel Camargo também é um nostálgico pelo futebol. O estudante e torcedor do Flamengo Gabriel Carmago, de 20 anos, também é um nostálgico pelo futebol. Apesar da pouca idade, Gabriel parece sentir saudade de um tempo que não viveu.

“Mesmo não estando lá, às vezes sinto que presenciei essa época. Desde pequeno meu pai falava do Zico, do time de 1981 e, assistindo os jogos no Youtube ou reprises na televisão, tenho a sensação de que eu perdi uma época que não volta mais”.

Em busca desse tempo perdido, o jovem coleciona camisas antigas de times de futebol.

“Eu costumo comprar camisas de coleções retrô, além de usar as que meu pai comprava na época. Acho que elas são mais bonitas e não têm tanto patrocínio estampado como nas de hoje.”

Esse fenômeno é vivenciado por muitos. O mercado de artigos esportivos percebeu que a nostalgia do torcedor pode ser um grande negócio. Segundo pesquisas, a Alpargatas, dona das marcas Topper e Rainha, viu um crescimento de 18,8% em sua receita com vendas de uma linha retrô homenageando a seleção brasileira de 1982, pegando carona na grande visibilidade da Copa do Mundo. A empresa lançou chuteiras alusivas ao Brasil e camisas remetendo à seleção que ainda vive na memória dos saudosistas.

Em ano de Copa do Mundo, a volta dos álbuns de figurinhas

Tomemos como exemplo o maior torneio de futebol, a Copa do Mundo. A impressão que se tem é que a Copa favorita de qualquer um é aquela que foi acompanhada na adolescência,

O mundial do Brasil tem todos os ingredientes para ser uma grande Copa.

Times competitivos, muitos craques, bons campos para jogo, estádios lotados, todos campeões do mundo presentes e as seleções mais importantes jogando um bom futebol



Estudante completou álbum de figurinhas em apenas 8 horas

com todo o deslumbramento que essa idade traz. À medida que as pessoas envelhecem, as frustrações da idade vão chegando, a saúde deteriora, e o sentimento de um tempo melhor que passou se manifesta. Para alguns, a nostalgia age quase como um remédio antidepressivo, algo fisicamente necessário que traz uma memória saudável para um corpo debilitado.

Com a intenção de guardar as memórias da Copa do Mundo sediada no Brasil, o auxiliar administrativo, Arthur Ribeiro, de 24 anos, resolveu comprar o álbum de figurinhas da Copa, lançado em abril de 2014. Ele acredita que esse mundial deve ser lembrado em cada detalhe.

“Muitos amigos meus estão colecionando e eu resolvi colecionar também. É engraçado, porque hoje em dia não é muito comum ver adultos comprando figurinhas. O futebol mexe com todos os instintos, principalmente quando se fala de seleção brasileira e de Copa do Mundo.

Quando será que nós, brasileiros, vamos ter a oportunidade de ver esses craques jogando ao vivo novamente? Eu quero guardar o álbum com as figurinhas dos jogadores de todas as seleções que vão estar no Brasil, para daqui a uns anos poder mostrar para os meus filhos, meus netos”.

Arthur Ribeiro não é único. Andando pelos corredores da PUC-Rio, é possível ver muitos jovens voltando a ser criança. Nos Pilotis da universidade, jovens combinam de trazer figurinhas para trocar e chegam a discutir sobre as que são brilhantes. “Brilhante vale por duas”, um jovem diz.

Nas redes sociais, é possível ver posts de quem coleciona e quer amigos para trocar figurinhas. Logo aparecem muitos comentários e uma conversa é iniciada para combinar essa troca.

Em São Paulo, um estudante de Educação Física levou ape-

nas oito horas para completar o recém lançado álbum de figurinhas da Copa. Ele diz que os álbuns de futebol já fazem parte da vida dele desde 2006, quando colecionou o álbum do Mundial da Alemanha.

O mundial do Brasil tem todos os ingredientes para ser uma grande Copa. Times competitivos, muitos craques, bons campos para jogo, estádios lotados, todos campeões do mundo presentes e as seleções mais importantes jogando um bom futebol. O “maracanazo”, maior vitória da história do futebol sendo lembrado, grupo da morte com três campeões do mundo e possibilidade de Brasil contra Espanha ou Holanda logo nas oitavas. Além disso, o duelo entre Cristiano Ronaldo e Messi pelo posto de melhor do mundo, chega ao melhor campeonato de futebol. Essa pode ser mais uma Copa para ser lembrada durante muitos anos pelos nostálgicos pelo futebol. ✨



America Futebol Clube: qual o tijucano que nunca ouviu falar?

Aluizio Alves é professor de Mídias Globais da PUC-Rio, tijucano e torcedor do America Futebol Clube. Em tempos de competitividade entre os quatro grandes times cariocas, Aluizio ainda faz questão de torcer para o time de sua origem

Eclética: Você ainda tem o costume de ir aos jogos do America?

Aluizio Alves: Assisto a todos os jogos. A diferença é que, quando eu era garoto, eu frequentava muito o estádio. Mas hoje, quando eu quero ver algum jogo do America, é lá na Baixada Fluminense e o time também quase não joga. O futebol, em geral, eu acabo vendo na televisão.

Eclética: E como você começou a torcer para o time?

Aluizio: Na minha família, muita gente é America, porque eu sou de uma família tijucana. O primo da minha mãe, o Oswaldinho, que foi um dos maiores jogadores, campeão pelo America em 1935, era um dos maiores mitos do time e eu o conheci quando era garoto. Então eu tive uma grande influência da minha família. O meu pai era médico do America, torcia pro

America e, quando eu era mais novo, ia com ele assistir os jogos. Eu nasci America.

Eclética: E hoje, como é torcer para um time tradicional do Rio de Janeiro que não tem visibilidade?

Aluizio: É uma coisa muito difícil, meio frustrante. Porque você sempre fica na esperança de que o time vai renascer. Infelizmente, eu vejo que a probabilidade é muito pequena, porque o America, hoje em dia, tem muitos problemas. Ele foi muito mal administrado. Era uma sede na Tijuca, um clube social que tinha uma frequência muito grande. Eles destruíram aquilo e levaram o clube lá para um lugar que eu nem sei chegar direito. E, hoje em dia, o futebol está muito profissionalizado e é muito caro manter um time. Como o America não tem uma grande torcida, não tem retorno. Assim, ele fica numa situação muito difícil. Eu costumo escutar muita gozação por causa do meu time.